

Metodologia de análise do modo parceiro de fazer telejornalismo¹

Lilian Saback²

PUC-Rio

Resumo

Este artigo apresenta a “Metodologia de análise do modo parceiro de fazer telejornalismo”, criada para observar as reportagens produzidas para o quadro Parceiros do RJ/TV Globo. A iniciativa resultou na construção de uma narrativa inclusiva que mexe com o padrão Globo de jornalismo. O método tem como matriz teórica três obras: *O que falar quer dizer: a economia das trocas simbólicas* (BOURDIEU, 1998), *O discurso do jornal* (REBELLO, 2000), e *Análise do programa de televisão* (MACHADO, 2012).

Palavras-chave: telejornalismo; *parceiro do RJ*; RJTV; audiovisual comunitário; metodologia.

Introdução

Este artigo apresenta o método de análise utilizado na tese de doutorado “Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual”, defendida em março de 2015 pelo Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro em cotutela com o Programa de Doutorado em Ciências da comunicação do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa. O trabalho discute os três pilares que sustentam as reportagens produzidas por moradores de comunidades do Rio de Janeiro para o quadro Parceiro do RJ, veiculado no telejornal RJTV – 1ª Edição, da TV Globo, como uma narrativa comunitária que mexe com o padrão Globo de jornalismo.

O projeto Parceiro do RJ foi idealizado pelo jornalista Erick Brêtas, então editor regional da TV Globo, em 2008, logo após a implantação da primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) na favela Santa Marta, em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. As inscrições para a primeira turma foram abertas em 2010. Foram selecionadas 16 duplas de jovens com idades entre 18 e 30 anos, com ensino médio completo e moradores de oito regiões do Rio de Janeiro (Copacabana, Tijuca, Campo Grande, Complexo do Alemão, Cidade de Deus, Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São Gonçalo). A dupla da Rocinha só ingressou em setembro de 2011, quando a favela recebeu sua UPP.

¹Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, do V Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ (ECO) em cotutela com o Programa de Doutorado do ISCTE do Instituto Universitário de Lisboa (IUL) e Mestre em Comunicação pela PUC-Rio. E-mail: lilian.saback@gmail.com.

Os jovens participaram durante um mês de treinamentos práticos e teóricos sobre jornalismo para TV. Depois disso, cada dupla recebeu uma mochila com uma câmera mini-DV, microfone e equipamento de iluminação portátil. Cada parceiro assinou um contrato temporário com a Rede Globo até o dia 31 de dezembro de 2011, que garantia um salário mensal, vales para transporte e alimentação e ainda uma ajuda de custo para a produção. A missão de cada dupla era trazer histórias de suas comunidades para serem veiculadas no quadro Parceiro do RJ, no ar de segunda a sábado no *RJTV – 1ª Edição*, às 12h.

À luz de teóricos como Giorgio Agamben, Kenneth Schmitz, Michel de Certeau (1925 – 1986), José Rebelo, Muniz Sodré e Raquel Paiva, a tese analisa a estratégia e as táticas que envolvem os vídeos produzidos por jovens que vivenciam o cotidiano das comunidades cariocas, e finalizados por jornalistas profissionais detentores da técnica jornalística. A partir da concepção de uma nova metodologia de análise, a tese traz terminologias próprias do jornalismo produzido para televisão.

“Metodologia de análise do modo parceiro de fazer telejornalismo” exhibe cuidadosamente o passo a passo do método criado para observar as reportagens que compunham o corpus da pesquisa. A metodologia parte do formato convencional das reportagens de TV: um texto lido em *off* pelo repórter, intercalado por passagens (presença do repórter no vídeo) e sonoras (entrevistas). Segue, ainda, algumas orientações dadas em manuais de telejornalismo como os de Vera Paternostro (1999), Olga Curado (2002) e Heródoto Barbeiro (2002).

A construção de um método de análise

O modo parceiro de fazer telejornalismo configura uma nova narrativa comunitária, que promove um diálogo entre os jornalistas profissionais e os comunitários. Entretanto, se as reportagens produzidas por esses moradores de comunidades do Rio de Janeiro são editadas, finalizadas e veiculadas por uma emissora aberta, um canal comercial de televisão, é possível identificar nessas reportagens normas impostas pelo audiovisual comercial? Ainda, quais as brechas apresentadas? A pesquisa tem como hipótese que os coprodutores, uma vez centrados nas regras proferidas pelo mercado comercial do audiovisual, tentam instrumentalizar os sujeitos da experiência, não só como estratégia para atrair o público jovem, mas, também, como estratégia política.

Para averiguar se tal hipótese procede, torna-se, portanto, fundamental colocar em pauta a questão metodológica de análise a ser aplicada. Se pensarmos no campo da

comunicação, em especial, deparamo-nos como uma série de análises que engessam os programas de televisão em categorias pensadas a partir de teorias pré-estabelecidas.

A tentativa de refletir sobre os aspectos que diferenciam o modo de fazer parceiro dos demais jornalistas de televisão, sejam eles comunitários ou não, é um estímulo a pensar um método alternativo. Um que não repita uma análise que transforme o programa de televisão em “subdisciplina”, como alertou Machado em sua tese de pós-doutorado, “Análise do programa televisivo”, defendida em 2012.

Diante desta reflexão, parte-se para a concepção de um método que permita observar o diálogo entre o padrão Globo de jornalismo e o padrão parceiro de jornalismo. Interessa pensar como as questões da comunidade surgem na estrutura desenhada na reportagem parceira. Como avaliar se há afeto, solidariedade, pensar o bem comum no trabalho partilhado entre jornalistas profissionais e “jornalistas comunitários” selecionados para desempenharem as funções de repórter de vídeo e repórter cinematográfico?

O pressuposto inicial é que a reportagem de televisão, com raras exceções, é composta de um texto *off*, intercalado por passagens e sonoras³. Explicando melhor, os manuais de telejornalismo – que são poucos – exibem regras e apontam o que deve ser evitado e o que deve ser valorizado na montagem de uma reportagem, que geralmente tem entre 1 minuto e 05 segundos e 1 minuto e 30 segundos, composta por um texto *off*, uma passagem do repórter e uma ou mais sonoras. E para cada uma das etapas existem dicas a serem seguidas.

Esse tipo de reportagem tende a seguir um padrão que, infelizmente, é repetido de forma quase incansável: texto do locutor – cerca de 15 segundos encaminha ou “chama” a reportagem; texto em *off*, narrado pelo repórter: entre 20”e 30””; sonora ou fala de entrevistado: entre 10”e 15””; passagem do repórter – participação do repórter de vídeo: entre 15”e 20””; sonora – entrevista ou fala de uma ou mais pessoas: entre 10”e 15””; narração final em *off*, do repórter: entre 10”e 15””. (CURADO, 2002, pp. 96-97)

A Rede Globo foi a primeira emissora brasileira a produzir o seu Manual de Telejornalismo, editado em 1984, pela TV GLOBO LTDA. O pequeno livro não traz uma apresentação, mas anuncia logo na primeira página: “Este livrinho é resultado da experiência dos profissionais de telejornalismo da Rede Globo”⁴. O manual guia o repórter

³ Jargões jornalísticos: o *off* é o texto lido pelo repórter e coberto por imagens, as passagens são as intervenções do repórter na reportagem e a sonoras as entrevistas exibidas.

⁴ A edição deste manual foi limitada e distribuídas apenas para os funcionários e estagiários da emissora. A autora guarda seu exemplar desde 1986, quando foi estagiária da Editoria Rio.

desde sua postura *isenta* na produção de uma reportagem até sua colaboração na edição. Uma das responsáveis por esta obra e, também, pela preparação e acompanhamento dos jovens que participam do *Parceiro do RJ*, a jornalista Vera Íris Paternostro lançou anos mais tarde o livro que se tornaria uma bíblia para estudantes e profissionais de telejornalismo, *O texto na TV – Manual de Telejornalismo* (1999). Paternostro, com a propriedade que os mais de 30 anos de Rede Globo lhe deram, orienta na produção do texto escrito para ser falado, o uso de uma linguagem coloquial e ainda dá dicas para edição. Uma delas chama a atenção quando a relacionamos com o objeto de estudo, as reportagens do quadro *Parceiro do RJ*:

A presença do repórter na matéria deve ser variada. Evitar aberturas de matéria a não ser em casos excepcionais. Na rotina, o repórter deve aparecer na passagem quando tem uma informação a acrescentar, e é preciso cuidado para não ser um momento forçado na matéria. Nem sempre a presença do repórter precisa estar no meio do VT, pode ser no encerramento. Muitas vezes, a edição traz uma sequência natural e é interrompida pela passagem do repórter só para que ele apareça. O que deve aparecer, e bem, é a notícia. A passagem do repórter é a marca do autor da matéria, mas nem sempre o que é bom para uma edição é bom para outra. (PATERNOSTRO, 1999, p. 130).

O repórter parceiro costura a sua reportagem com passagens, e, mais, na maioria das vezes abre matéria com uma. Portanto, recorrentemente esta dica é ignorada. Em outro manual de telejornalismo, assinado por Heródoto Barbeiro, encontra-se uma lista com 50 orientações para “se conseguir contar uma história simples, direta, clara, didática, objetiva, equilibrada e isenta” (BARBEIRO, 2002, p. 68). Algumas, assim como nos demais manuais citados, indicam como “regra” posturas que são por vezes descartadas por um repórter parceiro. Pensemos inicialmente nos itens nove e 33.

9. Qualquer reportagem fracassa se o repórter não é compreensível para a pessoa comum. É preciso saber para que tipo de público se fala, e se o veículo é ou não segmentado. (...) 33. Cuidado com o uso dos adjetivos. Um fato descrito como sensacional ou dramático pode não ser nem sensacional ou dramático. Dê preferência aos verbos. (pp. 69-71)

Se o quadro *Parceiro do RJ* está inserido dentro de um telejornal exibido em todo o Estado do Rio de Janeiro, espera-se que sua linguagem alcance todos os seus possíveis telespectadores, das quatro regiões do estado. Sendo assim, o repórter parceiro ignora a nona orientação no momento em que se apropria de um vocabulário peculiar ao jovem

morador de favelas do Rio e fala diretamente para os seus pares. Quanto aos adjetivos referidos no tópico 33, pode-se afirmar que fazem parte do texto produzido pelo repórter parceiro, tanto quanto os verbos que narram suas reportagens como, observa-se na análise feita a seguir. A explicação para tamanha rebeldia dos parceiros diante dos manuais pode ser compreendida a partir da concepção do quadro, que segundo Paternostro “partiu da ideia que não seria um jornalista, eram moradores e trariam o olhar do morador”.⁵

A partir desta concepção, a Rede Globo oficializa a autorização para os jovens moradores de favelas construírem uma narrativa própria para falar de suas comunidades na grade de jornalismo da emissora. Como sinaliza Vera Íris, eles foram convidados a fazer algo diferente do telejornalismo convencional da Rede Globo. O que permite a elaboração de uma narrativa comunitária nova.

Os objetivos do método de análise

O método de análise da estrutura “parceira de reportagem” pretende, portanto, perceber como essa narrativa comunitária dialoga com os profissionais que finalizam a reportagem e as colocam no ar. Para tal, serão elaborados quadros de análise que permitam fazer uma radiografia da reportagem produzida desde a escolha da pauta até o VT finalizado. A partir das reportagens selecionadas para o estudo, serão elaborados cinco quadros: Pauta-Assunto, Pauta-Agenda, *Off* Parceiro, Passagem Parceira e Sonora Parceira. As descrições dos quadros serão feitas a seguir, na medida em que eles se inserem no método denominado de Método de Análise da Estrutura Parceira de Reportagem.

O primeiro passo do método de análise proposto é identificar a pauta da reportagem. Para isto será preciso elaborar dois quadros: “Pauta – Agenda” e “Pauta – Assunto”.

Quadro Pauta – Agenda está desenhado da seguinte forma:

Valorização Reportagens que valorizam a comunidade	Denúncia Reportagens que denunciam a ausência do Estado	Factual Reportagens que estão na ordem do dia da grande imprensa	Factual/Denúncia Reportagens que denunciam questões que estão na ordem do dia da comunidade

O Quadro Pauta – Assunto irá levantar as questões que cruzam as pautas produzidas. A escolha dos assuntos saúde, saneamento e transporte; educação e trabalho; cultura, esporte e lazer; e segurança se baseou em questões levantadas como prioritárias por moradores das comunidades visitadas ao longo da pesquisa.

⁵ Vera Íris Paternostro em entrevista concedida à autora, no dia 30 de julho de 2014, na Rede Globo de Televisão, Jardim Botânico. Os grifos são da autora desta tese.

Saúde Saneamento Transporte	Educação Trabalho	Cultura Esporte Lazer	Segurança

De posse da informação da agenda e do assunto tratado parte-se para a tentativa de compreensão do texto *off parceiro*. A partir do momento que a orientação recebida pelos jovens é de não fazer texto *off*, o objetivo é perceber como a emissora se coloca diante das questões em pauta. Como ela agrega informação de forma a dar mais visibilidade e valor à comunidade. Para isso, foi elaborado o quadro abaixo, que será denominado “Quadro decupagem⁶ edição da reportagem”. Objetiva-se com este quadro identificar os recursos usados pelo editor, o jornalista profissional que finaliza a reportagem antes de ela ir ao ar, para inserir ou ampliar informações sobre o tema proposto em pauta. A fim de facilitar a contagem final, será atribuído 1 para os recursos utilizados na edição e 0 para os que não forem encontrados.

Abertura Cabeça de locutor com informações complementares	Cobertura Passagens e sonoras cobertas com imagens	Lettering ⁷ Inserção de <i>lettering</i> e artes	Nota pé Notas complementares após a exibição

Com o levantamento feito, pretende-se cruzar informações que constituem mais dados sobre saúde, saneamento e transporte; educação e transporte; cultura, esporte e lazer; e segurança. A mesma dinâmica será estabelecida para a análise das *passagens parceiras*. É importante ver como o repórter parceiro se coloca diante das questões em pauta. O que, quando e como ele traz para a frente da câmera. Este será o “Quadro decupagem passagens da reportagem”. Também será atribuído 1 para os recursos usados e 0 para aqueles que não forem encontrados.

Incluído Repórter como parte do contexto	Observador Repórter como observador do contexto	Crítico Repórter como crítico do contexto	Admirador Repórter como admirador do contexto

O levantamento feito também pretende cruzar informações que constituem um posicionamento do repórter nas questões sobre saúde, saneamento e transporte; educação e transporte; cultura, esporte e lazer; e segurança. Por fim, vamos observar a *sonora parceira*.

⁶ Processo de elaboração e análise técnica do roteiro de um filme ou programa de TV. (RABAÇA & BARBOSA, 2014, p. 68)

⁷ Texto em caracteres inseridos na imagem.

É preciso ver quem fala pela comunidade efetivamente. Quem é a fonte do repórter parceiro. Este será o “Quadro decupagem sonoras da reportagem”. Como nos demais quadros, será atribuído 1 ponto para os recursos detectados e 0 para os inexistentes.

Familiar Pai, mãe, irmão, primo, tio, avó e etc. como fonte	Amiga Fonte tratada com intimidade de um amigo pessoal	Tradicional Aquela fonte que tem autoridade para falar do assunto	Espelho A fonte com a qual o repórter-parceiro se identifica

Mais uma vez, com o levantamento feito, serão cruzadas as informações que constituem um posicionamento dos que ganham autoridade para falar sobre saúde, saneamento e transporte; educação e transporte; cultura, esporte e lazer; e segurança.

O método posto em prática

Para a melhor compressão do método, a seguir será feita a análise de uma das 348 reportagens que foram ao ar pela primeira turma do projeto Parceiro do RJ (2011-2012). O material marcou a estreia da dupla dos Parceiros/Rocinha Cecília Vasconcelos e Marcos Bráz, no dia 20 de janeiro de 2012. A reportagem apresentou ao público do telejornal o artista plástico Marcos Rodrigues Neves, o Wark da Rocinha. O artista mantém um Ateliê de Grafitti, na Travessa Escada nº 1 A (próximo à loja Ricardo Eletro), onde ensina crianças, jovens e adultos a desenhar e grafitar. Seu trabalho nasceu com o objetivo de resgatar jovens do tráfico e acabou ganhando fama dentro da favela. Wark virou referência para todos os moradores, inclusive para Cecília e Marcos, que queriam mostrar com a reportagem inaugural que era possível “nascer na Rocinha e virar alguém”.

Foi a [reportagem] mais representativa, além de ser a mais bonita porque as imagens ficaram ótimas. Foi a mais representativa porque eu acho que a gente meio que se viu nele. É um cara que veio do nada, cresceu, conseguiu, conquistou o espaço dele. Qualquer pessoa que queira viver fora desse espaço daqui, se espelha nesse rapaz, porque ele venceu e era a minha sensação quando eu tinha entrado no projeto, que eu tinha vencido. Pode parecer até um pouco arrogante da minha parte dizer isso, mas eu estou acostumada as pessoas dizerem que eu sou bonita e eu estava cansada daquilo. Eu queria ser reconhecida por alguma coisa (o valor do trabalho), exatamente. E o projeto me trouxe isso.⁸

A partir da decupagem dos roteiros do locutor e do repórter foi possível elaborar os seguintes quadros:

⁸ Entrevista concedida à autora.

Quadro Pauta–Agenda:

Valorização Reportagens que valorizam a comunidade	Denúncia Reportagens que denunciam a ausência do Estado	Factual Questões que estão na ordem do dia da grande imprensa	Factual/Denúncia Denúncia de questões que estão na ordem do dia da comunidade
x			

O Quadro Pauta–Assunto:

Saúde Saneamento Transporte	Educação Trabalho	Cultura Esporte Lazer	Segurança
		x	

Quadro decupagem edição da reportagem:

Cabeça de locutor com informações complementares	Passagens e sonoras cobertas com imagens	Lettering e arte	Nota pé
Como um relato biográfico, adianta os dados de Wark. Informações como os preços dos quadros, que não estavam no texto do repórter reforçam o valor do grafiteiro.	Primeira Entrevista do Wark é coberta com uma edição sonorizada com um hip hop e apresenta uma série de imagens de arte e crianças desenhando.		A nota pé tem a função de agregar os novos parceiros e valorizar o projeto da Rede Globo.
	Corte para alguns <i>takes</i> deles andando (quatro <i>TAKES</i>) muito rápidos e entra em <i>lettering</i> :	Mais de 50 grafites espalhados pela Rocinha	
	A entrevista passa a ser coberta por uma pan do muro grafitado com bonecos e um <i>take</i> de crianças olhando o grafite.	Crédito simples: edição de imagens – MAURO TERTULIANO	
	A entrevista do grafiteiro Valderson é coberta em dois momentos. Primeiro com imagens dele e uma amigo grafitando e no final com mais um clipe com quatro imagens dos muros grafitados (três <i>TAKES</i>) Edição volta para um povo-fala que Marcos faz com as crianças que estão na praça.		
	Efeito de edição raramente usado em jornalismo traz de volta Marcos entrevistando o Wark. Quando Marcos Faz uma passagem dizendo que vai conhecer o Instituto Wark, a edição corta para um clipe de imagens mostrando eles caminhando até o instituto, a porta de entrada e Wark volta em <i>off</i> . A câmera mostra crianças desenhando (quatro <i>TAKES</i>),	com caracteres eles dão o endereço do Instituto: TRAVESSA ESCADA 1 BOIADEIRO	

	enquanto ele explica o que está acontecendo.		
	Cola mais uma entrevista O Jovem não é creditado e está segurando um desenho. Depois de mostrar a matéria segue com Marcos abraçando o rapaz em agradecimento e, em seguida, um <i>take</i> do desenho dá início ao último clipe de imagens que volta a mostrar o muro grafitado e as crianças desenhando.		

Quadro decupagem passagens da reportagem:

Repórter como parte do contexto	Repórter como observador do contexto	Repórter como crítico do contexto	Repórter como admirador do contexto
Hoje eu estou aqui com um grande amigo meu , o Wark. Tudo bom meu brother? Que vai falar um pouquinho do seu projeto, que envolve arte e cultura.			
Vou dar uma caminhada nas ruas da Rocinha, mostrando um pouquinho para vocês desse trabalho maravilhoso que ele tem feito com as crianças também. Vamo comigo Cecília.			Vou dar uma caminhada nas ruas da Rocinha, mostrando um pouquinho para vocês desse trabalho maravilhoso que ele tem feito com as crianças também. Vamo comigo Cecília.

Quadro decupagem sonoras da reportagem:

Fonte familiar	Fonte amiga	Fonte tradicional	Fonte espelho
	Wark	Wark	
		Valderson	
	Soneca		Soneca

As primeiras conclusões obtidas com o método

A primeira conclusão que se tem é que a edição participa complementando a informação sem interferir na estrutura desenhada pelos parceiros. Na cabeça do locutor lida pelo jornalista Vandrey Pereira, que eventualmente apresenta o *RJTV – 1ª Edição*, encontra-se o que Rebelo chama a atenção com relação aos relatos biográficos e perfis. Procura-se trazer informações pessoais e profissionais do entrevistado em questão para de alguma forma qualificar e justificar a sua escolha para a reportagem.

É, eles devem estar nervosos.// Marcos Bráz e Cecília Vasconcelos, nossos parceiros na Rocinha, a estreia deles é agora. Olha, eles vão mostrar pra gente o trabalho social realizado pelo grafiteiro Wark. // Ele mora na Rocinha desde que nasceu,/ é autodidata e já conquistou o reconhecimento artístico até no exterior.// Só pra gente ter uma ideia,/ os quadros do Wark são vendidos por no mínimo mil e quinhentos reais e com o dinheiro ali, do próprio bolso, ele mantém o instituto que ensina desenho e grafite para a criançada da comunidade. (*RJTV 1*, 20/01/2012)

Os efeitos de edição não fogem tanto aos recursos usados habitualmente, principalmente, a inserção de *letterings* com dados sobre o projeto do grafiteiro. Entretanto, percebe-se que a reportagem tem 3’30”, um tempo de duração bem maior do que o convencional de um jornal local, que é de 1’30” (CURADO, 2012). Além disso, usam-se muitas sonoras do personagem principal da reportagem, o grafiteiro Wark. Mesmo respeitando o tempo padrão, uma média de 20” cada, Wark fala três vezes na reportagem, o que acaba por fazer a costura, tradicionalmente feita pelo texto *off*. Conclui-se que a edição usa a sonora como *off*. As entrevistas conduzem a reportagem.

Em segundo lugar, o quadro de decupagem da **passagem parceira** indica que Marcos Bráz deixa claro que está falando da “sua” comunidade e que conhece bem o trabalho do amigo. Entretanto, o que nos chama a atenção é para o que ele está falando da sua comunidade, com as duas passagens existentes na reportagem. O jovem está dizendo que na Rocinha tem talento e um talento que faz o bem para a própria comunidade.

Hoje eu estou aqui com um **grande amigo meu**,/ o Wark.//
Tudo bom, **meu brother**?// Que vai falar um pouquinho do seu projeto, que envolve arte e cultura.//
(...)
Vou dar uma caminhada nas ruas da Rocinha, mostrando um pouquinho para vocês desse **trabalho maravilhoso** que ele tem feito com as crianças também. **Vamo comigo Cecília**. (*RJ TV 1*, 20/01/2012)⁹

A primeira passagem reproduzida acima abre a reportagem e nela, além de fazer uso do artigo possessivo na primeira pessoa do singular, Bráz recorre à gíria para deixar claro que o entrevistado é seu amigo muito próximo. Na segunda, que entra segundos após da primeira, o repórter parceira adjetiva o trabalho do grafiteiro como maravilhoso e convoca a parceira cinegrafista, Cecília Vasconcelos, inserindo-a na reportagem. Conclui-se que Bráz

⁹ Grifos da autora.

faz uso de passagens que o colocam como um **repórter incluído** no cenário descrito e, também, **repórter admirador** desta mesma cena.

Por fim, em terceiro lugar, na análise das sonoras parceiras tanto quando entrevista o personagem principal da reportagem, o artista plástico Wark, como quando conversa com “Soneca”, Marcos Bráz faz questão de frisar que os conhece e bem. Por isso os chamamos de **fontes amigas**. Mas os dois têm também funções diferentes dentro da matéria. Wark e seu discípulo, Valderson, são **autoridades no grafite**. Os dois falam da arte e de seus impactos. Já “Soneca” quando apresenta as aulas que frequenta como uma saída para o seu dia a dia de poucos afazeres, manda a mensagem de que é necessário apresentar aos jovens caminhos alternativos, que rompem com o pré-conceito de que o futuro de quem nasce e cresce em uma favela do Rio de Janeiro é virar bandido.

Marcos: Chega aí, Soneca, tudo bom? // Aha... E aí o que você fazia antes do Instituto Wark?//

Soneca: Pô, ficava nas lajes soltando pipa, em casa vendo um filme, na rua de boqueira, de vez em quando. Aí minha mãe mandou eu procurar uma coisa que me fizesse pensar mais um pouco. Tem tanta coisa para aproveitar nesse mundo, né?¹⁰

O trecho acima reproduz como a entrevista que Marcos Bráz fez com Eduardo Gomes, cujo o apelido é Soneca. É interessante ressaltar que o crédito do jovem, assim como o de Wark, Valderson, Bráz e Cecília Vasconcelos são inseridos em uma cartela personalizada do quadro Parceiro do RJ. Já os créditos do editor de imagens, Mauro Tertuliano, e da jornalista responsável pela edição, Mônica Bernardes, são inseridos sem a cartela. Em outras palavras, Soneca, assim como os demais, faz parte daquele universo parceiro, de morador da Favela da Rocinha.

O método de análise x a análise de quem produz

Uma vez finalizada a etapa de análise da reportagem a partir dos quadros elaborados, faz-se necessário confrontar os primeiros resultados com o relato do repórter parceiro sobre o produto finalizado. Acredita-se que um dos grandes “problemas” das análises científicas de programas de televisão está na distância entre o pesquisador e o produtor/criador de seu objeto de estudo. A suposição simplesmente calcada na teoria, muitas vezes, pode levar o pesquisador ao erro. Por este motivo, o método aqui adotado prevê a exibição das reportagens e a gravação de uma conversa informal com os repórteres

¹⁰ Trecho da entrevista que foi ao ar na reportagem do dia 20 de janeiro de 2012.

parceiros, na qual eles comentam desde a ideia da pauta até a sua finalização na ilha de edição.

A conversa transcrita a seguir é a apenas um trecho da entrevista de mais de duas horas feita pela autora desta tese com os ex-parceiros Cecília Vasconcelos e Marcos Bráz, realizada no dia 10 de janeiro de 2014, na sala de reunião do Projeto Comunicar da PUC-Rio, na Gávea. Trata-se do momento em que juntos assistem à primeira reportagem da dupla exibida no Quadro Parceiro do RJ. Depois de ouvir os repórteres parceiros, volta-se aos quadros de decupagens e pode-se detectar os pontos que convergem com a análise feita pelos repórteres. Com relação à conclusão preliminar de que “a edição participa complementando a informação sem interferir na estrutura desenhada pelos parceiros”, ela se confirma quando Marcos, ao assistir à reportagem declara: “Isso que ele falou, a gente devia ter falado [sobre o valor dos quadros de Wark] na matéria.” O repórter parceiro ainda explica porque percebeu que o locutor estava trazendo informações que eles deveriam ter dado na reportagem.

Porque nas outras matérias davam uma introdução muito curta e já começava a matéria. Vamos agora ver o Parceiro do RJ de tal lugar, vamos mostrar o projeto tal. Nesse, especificamente, eles não nos deram esse *feedback*, mas eu fiz essa leitura depois de um tempo. Eu falei “caramba, a do Wark ele explicou quase toda a história do Wark”.¹¹

Com relação à postura do repórter diante da câmera, que seria no segundo ponto de análise, pôde-se confirmar que o repórter parceiro seguiu seu instinto ao inserir-se no roteiro como se estivesse convidando o telespectador a passear com eles pela Rocinha e conhecer os talentos que vivem nela. “A gente achou que teria mais sentido assim e mostrar um pouco mais da comunidade, o trajeto”, contou Marcos. “Até porque o trajeto que nós fizemos tem muita obra dele. Então era a chance de a gente ir mostrando que ele realmente grafitava a favela toda”, complementou Cecília.

Por fim, detectamos um aspecto que amplia a primeira análise feita sobre a sonora parceira. Ao denominar a sonora amiga como sendo uma fonte com laços mais estreitos com o repórter Marcos Bráz, parte-se do pré-julgamento da pesquisadora que o tratamento dado ao entrevistado configura uma intimidade verdadeira. Entretanto, ao falar sobre as entrevistas, Marcos afirma que não conhecia tão bem o artista plástico Wark e nunca tinha visto o jovem Soneca antes daquele dia de gravação. Pode-se concluir que o repórter

¹¹ Marcos Braz em entrevista concedida à autora no dia 10 de janeiro de 2014.

parceiro, ao recorrer ao tratamento extremamente informal para se aproximar ainda mais do entrevistado Soneca, acaba por evidenciar ainda mais a quebra do paradigma que o jornalista deve ser imparcial. Marcos explica que ali “ele é ele” com os jovens com quem trabalha. Em outras palavras, Marcos se comporta da mesma forma que se comporta em casa, no seu dia a dia.

Vale destacar os pontos importantes da conversa informal com os repórteres após assistirem juntos novamente a primeira reportagem feita pelos dois para o quadro Parceiro do RJ. São questões que ajudam a sustentar que a narrativa construída pelos moradores da Rocinha, com o suporte técnico do jornalismo da Rede Globo de Televisão, configura uma nova narrativa incluída, que pode vir a contribuir efetivamente para o desenvolvimento da vida em comunidade. Para Marcos e Cecília, a primeira reportagem no ar feita por eles sobre a Rocinha representou o início de uma nova fase da comunicação da favela com o asfalto. “Caramba, a Rocinha agora conseguiu”, anunciou Marcos. “Não somos mais os invisíveis. Agora as coisas vão começar a caminhar”, comemorou Cecília.

Uma vez finalizadas as decupagens do *off parceiro*, *sonora parceira* e *fonte parceira*, faz-se o cruzamento dos resultados obtidos com a agenda e o assunto identificados. Nesta amostra com a reportagem de estreia da primeira dupla de parceiros Rocinha & Vidigal foi detectada uma pauta de valorização, cujo assunto era educação por meio do grafitti. A reportagem está constituída de *off parceiro*, elaborado com a inclusão de informações complementares feita pelo jornalista profissional, cobertura de sonoras com imagens e inserção de *letterings* e cabeça de locutor e nota pé; com um principal personagem contribuindo para produção de uma sonora amiga, mas também tradicional, na medida em que é autoridade no assunto; e passagens que incluem o repórter e, também o colocam como admirador da história contada.

Considerações finais

A aplicação da metodologia de análise do modo parceiro de fazer telejornalismo na tese de doutorado “Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual” cumpriu seu papel: permitiu a observação do diálogo entre o padrão Globo de jornalismo e o padrão parceiro de jornalismo e, ainda, pensar como as questões da comunidade surgem na estrutura desenhada na reportagem parceira. E por fim responder a pergunta central da tese para o qual foi criado: há afeto, solidariedade, pensar o bem comum no trabalho partilhado entre jornalistas profissionais e “jornalistas comunitários”

selecionados para desempenharem as funções de repórter de vídeo e repórter cinematográfico no *Parceiro do RJ* da Rede Globo de Televisão?

Ao aplicar o método na observação das reportagens que compuseram o corpus da pesquisa – foram identificados 15 VTs que valorizam a comunidade ou um morador dela. Esse VT, muitas vezes, é fruto da agenda factual da emissora que, agora, ao dispor da dupla dá visibilidade a espetáculos organizados nas duas comunidades. Bons exemplos são as inéditas coberturas do Corpus Christi e da Via Sacra na Rocinha, este último encenado há 20 anos na comunidade.

Quando as pautas foram observadas pelos assuntos, verificou-se que com o quadro apresentou ao telespectador do *RJTV – 1ª Edição* um outro lado da favela pouquíssimo exposto pela grande mídia: cultura, esporte e lazer. Foram identificados 19 VTs que trazem temas desta categoria, sendo que sete dialogam com a categoria educação e trabalho, cinco com saúde e dois com a segurança. A predominância do *link* entre cultura, esporte e lazer com educação e trabalho é perfeitamente compreensível. A maioria das oportunidades de lazer em uma favela, por exemplo, geralmente gera oportunidade de trabalho e educação para os moradores. É recorrente a contratação de moradores da própria região para desenvolver o trabalho.

Ao realizar a decupagem das reportagens com foco nas sonoras, percebe-se que os entrevistados são os principais responsáveis pela construção da narrativa comunitária. Talvez, pelo fato de os parceiros receberem a orientação de não produzir um texto *off*, a costura feita pela edição acaba recorrendo às sonoras, muitas vezes, cobertas por imagens e, aos olhos do espectador, recebidas em *off*. Portanto, a sonora parceira é uma peça fundamental na estrutura da reportagem. Em média, foram inseridas 7 sonoras por reportagem. O que não significa que foram sete fontes diferentes, mas sim que o aproveitamento do conteúdo delas foi grande.

Nas reportagens analisadas, a participação do repórter incluído no contexto em que a pauta ocorre é predominante: 21 trazem passagens do modelo “incluído”, aquela em que o parceiro faz questão de dizer que é morador da região, que pertence àquele território. Uma postura esperada, afinal, ao contrário do jornalista profissional que não é morador da favela, o repórter parceiro não tem o distanciamento do contexto.

Com relação à finalização das reportagens, como era esperado, o recurso mais utilizado na edição foi a cobertura de passagens e sonoras com imagens captadas pelos repórteres-parceiros durante a produção da reportagem. Em apenas uma reportagem, a que

trouxe a expectativa dos moradores de Rocinha e Vidigal quanto ao jogo seleção brasileira na Copa das Confederações, esse recurso não foi usado. Neste VT, as sonoras foram priorizadas e praticamente construíram a reportagem. Nas outras 31 matérias, a edição usou e abusou deste recurso.

Por fim, é importante ressaltar que, com o método elaborado para a pesquisa, pôde-se olhar para o conteúdo dos VTs de forma singular, sem as amarras que tem o olhar técnico de um profissional de televisão, seja do jornalismo ou da área de entretenimento. Buscou-se ficar mais perto dos produtores e finalizadores das reportagens, a fim de agregar à análise o diálogo estabelecido na parceria. E, ainda, evitar os erros que podem ocorrer quando se supõe o que o produtor pensou, desejou ou recebeu como orientação ao fazer uma reportagem.

REFERÊNCIAS

ALCURE, Lenira. *Telejornalismo em 12 Lições - Televisão, Video, Internet*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Senac, 2011.

BARBEIRO, Heródoto e Paulo Rodolfo de Lima. *Manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BAUER, Martin W. e Gaskell, George (editores). *Pesquisa qualitativa com texto: um manual prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *O que falar quer dizer: a economia das trocas simbólicas*, Algés: Difel, 1998.

MACHADO, Arlindo. *Análise do programa de televisão*. São Paulo, 2012.

NEIVA, Eduardo. *Dicionário Houaiss de Comunicação e Multimídia*. 1ª edição. São Paulo: Publifolha, 2013.

PAIVA, Raquel. *As minorias nas narrativas da mídia*. Trabalho apresentado no Núcleo de Comunicação e Cultura das Minorias, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 020ª 06 de setembro de 2003.

PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Essencial de Comunicação*. 1ª edição. Supervisão: Sílvio Roberto Rabaça. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

REBELO, José. *O Discurso do Jornal*. Editor: Editorial Notícia. Lisboa, Portugal, 2000.

SABACK, Lilian. *Parceiro do RJ / TV Globo: comunidade e narrativas inclusivas pelo audiovisual*. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro em cotutela com Programa de Doutorado em Ciências da comunicação do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa, Rio de Janeiro, 2015.